

# ECONOMIA

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, QUINTA-FEIRA, 1º DE SETEMBRO DE 2005  
 Editor: Raul Pilati // raul.pilati@correio.com.br  
 Coordenador: Carlos Alberto Jr.  
 e-mail: carlos.junior@correio.com.br  
 Subeditores: Maísa Moura e Sandro Silveira  
 tel. 3214-1148  
 e-mail: negócios@correio.com.br

| BOLSAS                               | BOVESPA   | C-BOND   | DÓLAR  | EURO  | Ouro  | CDB   | INFLAÇÃO  |
|--------------------------------------|---|--|--|---|---|---|---|
| Na quarta (em %)<br>+ 0,66 Nova York | Índice da Bovespa de Valores da São Paulo nos últimos dias (em pontos)<br>27.401 28.044 | Título da dívida externa brasileira na quarta<br><b>US\$ 1,0125</b><br>(Estável) | quarta-feira (em R\$)<br><b>2,358</b><br>(▼ 1,09%) | Últimas cotações (em R\$)<br>24/agosto 2,43<br>25/agosto 2,39<br>26/agosto 2,40<br>29/agosto 2,38<br>30/agosto 2,38 | Turismo, venda (em R\$)<br><b>3,000</b><br>(▼ 0,003%) | Na BM&F o grama (em R\$)<br><b>R\$ 33,00</b><br>(▼ 1,63%) | Prefeitado, 30 dias (em % ao ano)<br><b>19,47</b> |

Economia - Brasil

DESENVOLVIMENTO  
 Produto Interno Bruto surpreende, cresce 1,4% no segundo trimestre e mostra forte recuperação da economia. Setor industrial, com expansão de 5,5% no período, foi o destaque do levantamento do IBGE

# O PIB da retomada

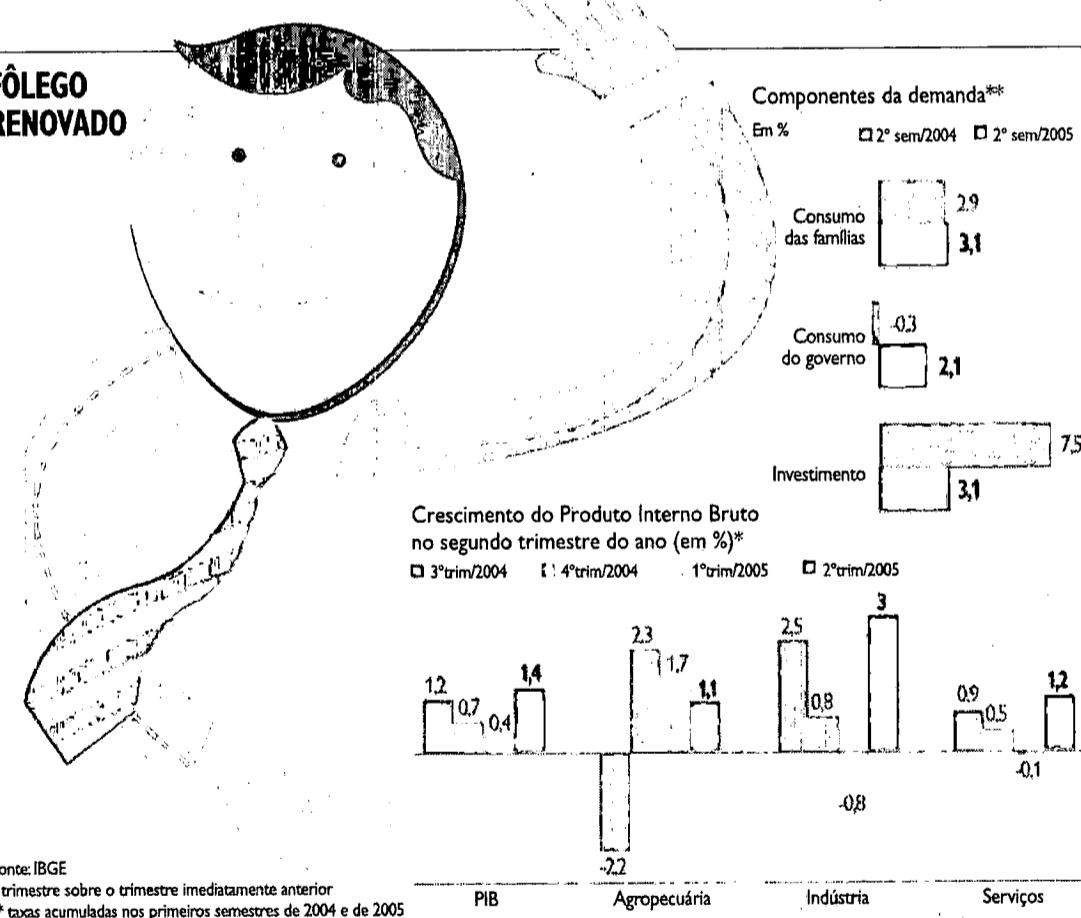
VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O governo respirou alívio ontem em meio a crise política que, há mais de três meses, atormenta os brasileiros. O refresco foi dado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao anunciar a forte recuperação da economia. O Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas pelo país, registrou crescimento de 1,4% no segundo trimestre do ano em comparação a janeiro e março, taxa que, quando anualizada, mostra expansão de 5,7%. Foi o oitavo trimestre consecutivo de alta do PIB, o que se não via há quatro anos. Entre 1999 e o início de 2001, o PIB cresceu nove trimestres seguidos. Nos primeiros seis meses de 2005, o PIB teve aumento de 3,4%. Na comparação entre abril e junho deste ano com o mesmo período de 2004, o incremento foi de 3,9%. No acumulado dos 12 meses terminados em junho, o PIB expandiu-se 4,3% frente aos 12 meses anteriores.

Qualquer que seja a comparação, os resultados computados pelo IBGE ficaram acima das previsões médias de mercado", disse o economista-sênior do Bank-Boston, Marcelo Cypriano. Em relação aos três primeiros meses do ano, a expectativa era de que o PIB cresceria 1,2% no segundo trimestre. Já na comparação com abril e junho de 2004, a expectativa era de incremento de 3,4%. Diante da força demonstrada pela economia, boa parte dos especialistas já começou a rever para cima as projeções de crescimen-

## FÔLEGO RENOVADO

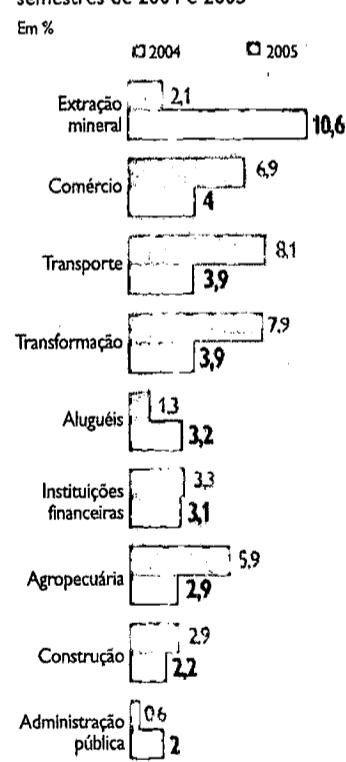


Fonte: IBGE

\* trimestre sobre o trimestre imediatamente anterior

\*\* taxas acumuladas nos primeiros semestres de 2004 e de 2005

Acompanhe o desempenho dos principais setores nos primeiros semestres de 2004 e 2005



Editoria de Arte/CB

formas de petróleo da Petrobras.

"Ao analisar os números divulgados pelo IBGE, podemos dizer que vários mitos foram derrubados", frisou o economista Jankiel Santos, do Banco ABN Amro Real. A seu ver, quando foi anunciado o aumento do PIB no primeiros trimestre — revisado pelo IBGE de 0,3% para 0,4% — muita gente afirmou que o Brasil estava caminhando rapidamente para a estagnação. "Disseram que a agricultura estava indo mal, que as exportações estavam perdendo o fôlego e que o consumo e os investimentos tinham sido minados pelos juros altos. O que viemos foi a agropecuária crescendo 2,9% no primeiro semestre, o consumo e os investimentos aumentando 3,1% e as exportações subindo 13,3%", assinalou.

## Impostos

A carga tributária também deu sua contribuição para o crescimento do PIB. De acordo com Cláudia Dionísio, a arrecadação de impostos subiu 5,8% no segundo trimestre ante o mesmo período de 2004. Aumentaram, sobretudo, o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), por causa do forte ritmo de produção da indústria, e o Imposto sobre Importações (II) — as compras no exterior tiveram expansão de 12,7% entre abril e junho. Cresceu ainda, segundo Cláudia, o Imposto sobre Serviços (ISS), recolhido pelas prefeituras. "Não fosse o impacto dos impostos, a elevação do PIB de 3,9% na comparação do segundo trimestre deste ano com o mesmo trimestre de 2004 teria ficado em 3,7%", afirmou.

to para o PIB deste ano. Ricardo Amorim, chefe, em Nova York, do Departamento de Pesquisas para a América Latina do Banco WestLB, informou que sua estimativa passou de 3% para 3,6%. O Banco Modal elevou a projeção de 3,3% para 3,5%. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), vinculado ao Ministério do Planejamento, deve ampliar sua expectativa de 2,8% para 3,5%.

### Efeito dos juros

Pelas contas do economista-chefe da Confederação Nacional

do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, se a economia crescer 1% no terceiro trimestre e 1% entre outubro e dezembro, o PIB fechará o ano com alta de 3,5%, garantindo um aumento mínimo de 1,6% no ano que vem. Caso o PIB cresça acima de 1% tanto no terceiro quanto no quarto trimestres, o crescimento final de 2005 será de 3,9%, com o PIB carregando elevação inicial de 2,2% para 2006. "Há uma grande expectativa em relação ao desempenho da economia nos próximos meses, diante

da perspectiva de queda dos juros. Quanto mais depressa as taxas caírem, mais rapidamente a produção e o consumo vão se recuperar", afirmou.

Para Adauto Lima, economista-chefe do Banco WestLB, melhor do que o desempenho consolidado do PIB foi a composição do resultado. "As taxas de investimentos cresceram, garantindo o aumento futuro da produção. A indústria apresentou um salto muito positivo, assim como a agricultura e o setor de serviços", destacou. Segundo Cláudia Dio-

nísio, economista da Coordenação de Contas Regionais do IBGE, na comparação do segundo trimestre deste ano com igual período de 2004, a indústria registrou expansão de 5,5%. "E não foi um efeito estatístico, pois, entre abril e junho do ano passado, a alta tinha sido de 6,3%", destacou. Dentro da indústria, os desafares foram para a construção civil, que se recuperou depois de vários trimestres de queda, e para a produção extrativa, com alta de 10,6% no semestre, devido à entrada em operação de duas pla-